

tigos, inserto na *Revue Archéologique* (1908, II) sob o título de *Essai sur la chronologie préhistorique de la Péninsule ibérique*, importa-nos, por ser um interessante olhar de conjunto lançado sobre a Arqueologia prehistórica de Portugal e Espanha.

Em Déchelette perdeu a França uma das suas mais altas mentalidades e Portugal um amigo que conhecia bem as suas antiguidades. Ainda bem que esse grande homem teve a felicidade de ver publicada a parte mais importante da sua obra, o que, para aquele que trabalha exclusivamente por amor da sciência, deve ser o maior galardão.

V. C.

Crónica

Excursão alentejana

Durante as últimas férias da Páscoa procedi a alguns estudos arqueológico-etnográficos no Alentejo, e d'elles vou dar noticia sumária, como de outras vezes já tenho feito n-*O Archeologo*.—Excepto as figs. 1 e 13, que assentam em fotografias, todas as restantes tem por base desenhos de Saavedra Machado.

1 de Abril de 1914.—Parti de Lisboa para Évora às 9 horas e 10 minutos, e cheguei a esta cidade à 1 hora e 15 minutos. Demorei-me em Evora até o dia 3. Nestes dias ocupei-me em ver mais uma vez as ruínas romanas e a Biblioteca, e em fazer algumas aquisições para o Museu Etnológico. Tambem visitei o Arquivo do Cabido Ebo-rense, e estive em fábricas de cortumes para colher termos técnicos, e observar algo de Etnografia.

As ruínas de EBORA *Liberalitas Iulia* consistem em panos de mura-lhas, num arco, denominado de *D. Isabel*, e em parte de um templo, a que falsamente chamam de *Diana*. O templo é o mais notável monumento romano de Portugal: estudei-o nas *Religiões da Lusitania*, III, 461-464, e aí aventei a hipótese de que teria sido consagrado a um imperador, isto é, se relacionaria com o culto oficial do séc. II. Foram os Cristãos que nos começos da idade-média o destruíram, com receio dos deuses pagãos, que eram julgados demónios. Andei em volta d'ele à noite: estava luar, e a lua faiscava nos capitéis coríntios: parecia o Génio da Antiguidade que do alto do céu yigiava para que esta histórica reliquia não acabasse de ruir. Não estão os Portugueses possuídos de febre destruidora? No séc. XVI o cardeal D. Henrique, achando-se em Évora, destrufu um arco romano que afrontava a igreja

de Santo Antão¹, e fê-lo, não porque o Paganismo pudesse já levantar cabeça, mas por ignorância ou estupidez; no séc. XIX alguém destruiu em Beja, com a mesma inspiração que animou o rei-inquisidor, outro arco romano, venerando testemunho da glória de *Pax Iulia*, e applicou as pedras a mesas em que se parte o peixe no mercado (facto passado nos meus dias); na actualidade dão os jornais de vez em quando noticia da destruição de pacíficos pelourinhos, levada a cabo por gente analfabeta. De muita instrução precisa Portugal! Mas isto não vem agora para o caso.

Junto da Biblioteca Eborense existe, como é sabido, um Museu Arqueológico, cuja origem se deve a Fr. Manuel do Cenáculo, e que depois tem aumentado pouco a pouco: entre as aquisições recentes chamou a minha atenção um curioso vaso de barro, que primitivamente era pintado de preto, mas que, por ter sido muito lavado e esfregado na ocasião em que o descobriram, perdeu quasi todo o *engobe* ou «capote». Vid. fig. 1 (de uma fotografia): mede de altura 0^m,09, e de diâmetró na boca 0^m,065. Informaram-me que apparecera dentro de uma anta na herdade de Claros Montes, frêguesia de Vimieiro, concelho de Arraiolos; custa-me porém a crer isso. Apesar de ele ter vaga semelhança, no aspecto geral, com alguns de estações calcolíticas do SE. de Hespanha (H. & L. Siret, est. 20, 65, etc.), não é prehistórico, e prefiro compará-lo com o vaso romano da fig. 30 do artigo que publiquei supra, p. 311.

O Arquivo do Cabido Eborense está em via de reorganização e catalogação. Ai se encontram montes de pergaminhos do séc. XVI e de outros séculos, caixas cheias de papéis antigos, etc.

Um livro pergamináceo, precioso, tem este cabeçalho: *Era de mil e trezentos e sateenta e nove años. Gonçalo Diaz cónigo da See d'Euora ordindhou este liuro p mandado do cabidó dessa meesma, no q'l som cõteudo (sic) todas as sc'pturas do d'co cabidó p ptes assi como iazê nas d'jtas.* É um sumário ou índice de documentos, importante para o estudo da toponímia. Segue-se-lhe no mesmo volume outro livro, de papel, do séc. XIV, tambem com um sumário.

Tomei nota de mais quatro volumes, que são colecções de documentos coordenados por dois conhecidos chantres eborenses, cada volume com seu índice no princípio:

Index do primeiro livro dos originaes collegido por Balthasar de Faria Seuerim, chantre e conego da santa Sé d'Euora. Anno 1607.

¹ G. Pereira, *Estudos Eborenses* (Antiguidades romanas), Evora 1891, p. 7.

Tem um documento de *Pelagius elborensis episcopus*; outro da era de 1260; e muitos dos séculos subsequentes.

O índice do livro 2.^o foi coordenado pelo mesmo Baltasar de Faria em 1608. Este volume contém pergaminhos e papéis, pelo menos do séc. xv em diante.

O índice do livro 3.^o deve-se também ao referido cónego: feito em 1608. Colecção de documentos, pelo menos do séc. xiv em diante. — O volume tem como folhas de guarda pedaços de pergaminho com letras capitulares floreadas e um texto em português do séc. xv, que me pareceu ser um comentário dos dez mandamentos. — Quando se vai a um arquivo, e aí há livros com capas de pergaminho manuscritas, convem sempre examinar estas, porque elas são às vezes fragmentos de obras literárias ou musicais, de importância.

Índice do Livro 4.^o dos originaes ordenado por Manoel Seuerim de Faria, chantre e conego da Santa Sé de Evora. Anno 1618. O volume encerra pergaminhos e papéis pertencentes ao séc. xiv e seguintes.

A minha visita às fábricas de cortumes teve, como disse, intuito meramente etnográfico (e filológico). Eu desejava ver alguns dos instrumentos usados pelos cortidores, porque a quem se ocupa de Prehistória importa observar aquelas indústrias que apresentam afinidade com as do homem primitivo: conhecendo as modernas, melhor compreenderá as antigas. Ora preparar peles de animais para vestimenta e agasalho deve ter sido um dos mais instantes cuidados dos nossos remotos avós; se o Alentejano rústico ainda hoje põe na cabeça um *boné* de pele de borrego (embora raramente) e veste *samarra*, *pelico* e *safões* (vulgo *ceifões*) com o respectivo *tapa-cu* ou *tapa-rabo*, quanto uso não faria de peles o pobre habitador das cavernas, o construtor dos dólmenes e dos castros? Para arrancar a lã das peles das ovelhas e carneiros usa-se em Evora, e de certo noutras localidades onde a mesma indústria existe, uma *cunha de pelar peles*, de madeira: vid. fig. 2. Para tirar o pêlo das peles de bois e cabras usa-se o *ferro de escabelar*, que é uma lâmina curva de aço com duas pegas laterais de pau. Este mesmo *ferro*, quando afiado, serve para *descarnar*, isto é, para tirar a gordura e carne das peles dos bois, ovelhas e cabras: a operação faz-se sobre um cepo. A pele de cabra ou ovelha, depois de cortida, é puxada *do lado do carnal*, ou interno, com o *ferro de puxar* ou *ferro-gôto*, porque «esgota» a água, o qual se compõe de uma curta lâmina de aço rectangular fixa no cabo por um dos lados maiores: fig. 3 (um pouco reduzida); depois de puxada é *desfrouxada do lado da flor*, ou externo, isto é, brunida, com um *desfrouxo*, espécie de

boneca feita de trapo de linhagem. Aos restos de músculos e de tecido adiposo que ficam adherentes à pele quando se esfolia um animal chama-se *carniça*. A pele de boi tem o nome de *coirama*; a do gado vacum o de *pelamo*. A *lã churra*, de uma pele de carneiro ou ovelha, desempasta-se com uma *cardôa*, quando d'esta pele se quer fazer um tapete: vid. fig. 4. A palavra *cardôa* está para **cardão*, presuposto aumentativo de *carda*, como *podôa* para *podão*. Curioso é o moinho em que se móe a entrecasca do sobreiro que serve para a cortimenta; mas d'êle não tenho desenho. Na idade da pedra o *sovador*, *surrador* ou *cortidor* podia servir-se de uma *cunha de pelar peles*, feita de pau, como hoje, ou de um *desfrouxo* feito de outras peles; do que êle não podia servir-se era de instrumentos metálicos, porque os não tinha, e empregava pois para os fazer a pederneira, a quartzite, o quartzo, a fibrolite, e outras rochas. Os arqueólogos dão o nome de *raspadores* e *raspadeiras* a lâminas de pedra que sem dúvida desempenhavam funções análogas às desempenhadas pelo *ferro de escabelar* e *descarnar*, e pelo *ferro de puxar*; isto que digo não é hipótese gratuita, porque em qualquer bom museu de Etnografia se podem ver instrumentos de pedra adaptados ao preparo das peles, por exemplo, no Museu Real Escocês, onde há raspadores d'esta substância, em uso nos Groenlandeses.

D'entre os objectos que adquiri em Évora para o Museu Etnológico especializarei os seguintes: vários pratos antigos de faiança com figuras que representam instrumentos musicais e indústrias caseiras; uma espada do séc. XVIII em cuja fôlha se lê *Viva D. João V rei de Portugal* (vid. fig. 5); um *cavalo de ferro* para descanso do espêto (vid. fig. 6); um carimbo com o nome de *Santo Elias* (vid. fig. 7); um machado prehistórico de pedra polida, notável pelo seu tamanho, pois mede 0^m,325 de comprido; um lindo instrumento de fibrolite, da mesma época, muito apurado; um colar arqueológico de ouro. Além d'estes objectos obtive muitos outros, que serão a seu tempo mencionados n-*O Archeologo*.

Aos meus amigos Vasques de Mesquita, Lopes da Silva, e Manuel do Monte agradeço o trabalho que tiveram comigo, facilitando as minhas buscas e estudos.

*

3 de Abril de 1914.—À 1 hora da tarde parti para a estação do Ameixial em direcção a Sousel. Naquella estação esperava-me um *carro alentejano*, abobadado, e fechado: nele fui cómodamente sentado num mocho de buínho umas 2 horas e meia, passando por alguns

sítios onde já havia passado quando fôra a Avis em 1912¹, por exemplo, o do padrão de Santa Vitória. Depois de Santa Vitória sobe-se uma ladeira de eucaliptos, através de uma charneca deserta e ondulada. De uma clareira, que vem após, descobre-se um descampado, com Cabeço de Vide e Vaia-Monte a distância, alvejantes de cal, como é costume no Sul. A estrada torna a internar-se em charneca, e zigue-zagueia um pouco por entre oliveiras, que o cocheiro sapientemente explicou serem árvores que davam o azeite. Descortina-se outra branca povoação estendida lá ao longe: Fronteira. Passa-se logo uma planície verde de trigo, e encontra-se ao lado um aprisco cheio de ovelhas, que um pastor ordenha paciente e vagaroso. O Alentejano move-se sempre de vagar: e como havia êle de ser ligeiro, se o corpanzil, os safões, o chapéu de pano grosso, a manta de dobras, o cajado bucólico, a pachorra ingénita, que herdaria dos Árabes, o impedem de se mexer? Pelos fins da tarde cheguei a Sousel, e aí me demorei até o dia 8 de manhã.

Em Sousel adquiri objectos arqueológicos, objectos etnográficos modernos e um livro manuscrito cartáceo do séc. xv, e, além d'isso, fiz escavações arqueológicas na vila (local do castelo) e nos arredores (anta da Cabeça de Ovelha), visitei várias estações lusitano-romanas (Val da Junça e Horta de S. Pedro, Alcarias e Freixial) e a capela da Senhora da Orada, copiei nas matrizes da Repartição de Fazenda dezenas de nomes de sítios, que são importantes para o estudo da toponímia, e arqueei, em conversa com o povo, vocábulos da língua comum, notícias etnográficas e espécimes de poesia tradicional. — Os pastores do Alentejo, como já exemplifiquei n-*O Arch. Port.*, xvii, 288 (e estampas adjuntas), gravam a madeira, a cortiça e o chifre, para produzirem às vezes, poderei dizer, obras primas no seu género. Não será de mais, visto que a arte pastoril alentejana não anda divulgada na imprensa, reproduzir alguns dos objectos artístico-pastoris que trouxe de Sousel: vid. as figs. 8 (e 8-A), 9, 10, 11 e 12, onde se representa respectivamente uma *corna* (vaso de chifre para azeitonas), uma *caixa de fósforos* (de cortiça), um *tecedor* ou gancho da meia (de madeira), um *agulheiro* e um *furador* ou ponteiro de fazer «ilhoses», ambos também de madeira. A *corna* (fig. 8), cujos desenhos vão desdobrados na fig. 8-A, é particularmente curiosa por causa das figuras que contém. Aí se vê uma Sereia com uma flor na mão, e junto d'ela uma cobra, dois pentes e um peixe. A Sereia é uma entidade mítica muito conhecida do povo:

¹ Vid. *O Arch. Port.*, xvii, 284.

Pelo canto da Sereia
Se perdem os navegantes;

Choram os pais pelos filhos,
E as sécias pelos amantes,

diz uma cantiga que o próprio autor do objecto me recitou; os pentes são «para ela se pentear»; a cobra, segundo a informação que o mesmo autor me deu, não tem significação especial, apesar de ele saber das relações supersticiosas que existem entre esse animal e a mulher¹: foi «para encher», e, por isso que a Sereia é metade peixe, pôs ao lado outro «bicho», e pôs mais um peixe. Por baixo da Sereia há uma carta de jogar com os quatro naipes, e está a data e as iniciais *G(aliana) R(osa)* do nome da pessoa a quem a corna se destinou. Noutros lugares da corna figura uma caçada, uma tourada, rosetas, corações (ou simples ou duplos) e às vezes com chaves; tudo isto constitue assuntos da arte popular. Dos corações dizem as trovas do Alentejo:

Dois corações bem unidos
Nêuma fôrça os desvia;

Contra o impulso d'amores
Não pode haver valentia.

E vid. o Apêndice d'este artigo.—O trabalho artístico chama-se *bordar* ou *pintar*: a ferramenta consiste apenas numa navalha e num compasso, que tem como estôjo uma cortiça com furos em que se metem as duas pontas d'aquelle. O artista, que é geralmente um pastor, traz tudo isto consigo num alforge, de mistura com a comida. A corna de que estou falando foi feita por Martinho Guerra, que tem actualmente 66 anos: nasceu em Sousel, e vive na herdade de Revendada desde os 18, como pastor; borda cornas e polvorinhos e faz décimas, embora não saiba ler, e unicamente conheça as letras que utiliza nos *bordados*. Gravador e poeta!—No trabalho dos pastores entra um pouco a imaginação, na combinação das rosetas e dos ramos estilizados; há inspiração na Natureza e em scenas da vida real: animais, caçadas, touradas; reproduzem-se moedas do tempo ou outras que vem à mão². Resta porém uma parte que provém puramente de ignorância: os artistas copiam meros animais que não tem significação nenhuma, estampas que encontram por acaso em livros, e simples anúncios destituídos de todo o mérito.—As cornas costumam ter *sampa* ou tampa

¹ Vid. *Tradições pop. de Portugal*, Pôrto 1882, § 282.

² Numa corna vi, a par com os 500 réis de D. Manoel II, já os 50 centavos da República, de 1912; noutra vi moedas de D. Luís e D. Carlos, postas também a par; num polvorinho vi uma moeda de 1726, combinada com outras de D. Maria II e D. Luís.

de cortiça, ora lisa, ora com *bordados* semelhantes aos do corpo do vaso (rosetas, etc.)¹.

Muitas pessoas me obsequiaram durante a minha estada em Sousel, e portanto aqui consigno os seus nomes: José Felipe Cardoso Lavaredas, comerciante; Luciano Mendes Dordio Namorado, proprietário; Álvaro de Lemos, administrador do concelho; António de Sousa Calça e Pina, estudante do liceu de Évora; José de Matos Pessoa, secretário de finanças; Mariano José da Trindade Rosa, secretário da câmara; Dr. Alfredo Augusto Gomes de Almeida, médico municipal; Francisco António Pereira, presidente da câmara; Francisco da Costa Simas, farmacêutico; Joaquim Henriques, proprietário.

*

8 de Abril de 1914.—Neste dia deixei Sousel, e segui para Fronteira, em companhia do Sr. Carlos Moreira da Costa Pinto, a quem eu ia apresentado por um amigo comum, e que por acaso viera a Sousel. No caminho parámos em sua casa, na Revenduda², onde me mostrou um núcleo de colecção numismática que está organizando; depois dei com ele uma volta pela Herdade-Grande, para ver algumas antas: vi três, e soube da existência de mais quatro.

Apenas chegados a Fronteira, o Sr. Costa Pinto, com a generosidade rasgada dos Alentejanos, ofereceu-me vários objectos romanos que possuía, e aí tinha guardados: uma colecção de vasos de barro, uma tégula e uma ímbrex quasi inteiras, e uma pedra que supponho ter feito parte do estôjo de um *medicus*; a isto juntou dois belos machados neolíticos. Ao mesmo tempo que assim enriquecia o Museu Etnológico, entregou-me ao cuidado dos seus amigos os Srs. Justi-

¹ A título de curiosidade indicarei aqui um poemeto latino, que não andarão muito nas mãos dos etnógrafos, no qual se descreve e enaltece redundantemente uma custódia de cortiça feita no séc. xviii também por um pastor, não de gado, mas de almas: *Pyxis seu cortex eucharisticus* por António Vieira, que diz:

Corticis est. Oh quanta sacer miracula cortex
Et tegit et prodit, certantque patentia tectis!

O autor da custódia foi o jesuíta Sebastião Novais († 1692). Vid. André de Barros, *Vozes saudosas da eloquencia do P.^e Vieira*, Lisboa 1736, pp. 205-214.—Sei de outros textos sobre o assunto.—Os ovelheiros transtaganos tem pois na sua Etnografia artística famosos émulos, e já antigos!

² A palavra *Revenduda* é na origem o particípio passivo de *revender*, o qual com o tempo se substantivou: pertence à classe que estudei nas *Lições de Philologia Portug.*, Lisboa 1911, p. 188, e data, pelo menos, do séc. xv.

niano José Rodrigues, tesoureiro da Câmara Municipal, e José Francisco Bogalho, chefe da secretaria da mesma, que foram para comigo inexcedíveis de cortesia, e a cujo concurso devi o adquirir outros objectos para o Museu. Já que estou nomeando pessoas beneméritas que me auxiliaram nos meus estudos, mencionarei também os nomes dos Srs. Dr. Cláudio Pais Rebêlo, que me deu uma mó preistórica, Manuel Fernandes, que me deu uma ara romana, João Francisco Curvelo, que me deu um prato e uma lucerna (incompleta) das ruínas de Aramenha, António Namorado Malacrias, que me obteve alguns machados neolíticos, e António Soares Franco, que me obsequiou com informações arqueológicas.

Em Fronteira demorei-me de 8 a 11 de Abril.

A par com os artefactos preistóricos que já indiquei, consegui alcançar outros, tais como um raspadorzinho de fibrolite muito bem acabado, meio machado de cobre, etc. Na localidade não faltam testemunhos do passado: não só quasi todas as pessoas conhecem *de visu* machados de pedra ou «perigos», como lá dizem, isto é, «raios» (segundo a crença universal), mas mesmo há ou houve muitas antas, que até por vezes deram origem a nomes de propriedades, por exemplo: *Herdade das Antas* e *Herdade das Antinhas*, contigua uma à outra.

Havendo-me os Srs. Bogalho e Rodrigues dito que distante 1 quilómetro de Fronteira existia uma capela chamada de *Nossa Senhora de Vila-Velha*, onde está erecta uma confraria cujo compromisso (manuscrito) tem a data de 1604, resolvi ir vê-la, pois que *Vilha-Velha*, pelos seus dois elementos, «vila» e «velha», fez-me suspeitar que a capela assentaria em local arqueológico,—e fui lá com os mesmos senhores. Pouco mais porém averigui além d'aquilo que o nome diz. A capela fica em um outeiro: este está sòzinho, e nas suas faldas passa a Ribeira Grande, que aí tem uma excelente e antiga ponte, e o separa da Herdade dos Pintos, que apresenta uma saliência algo esculpada sobre a Ribeira. O sítio prestava-se portanto magnificamente a «castro», embora eu não possa afirmar que o fôsse, porque não contém nenhum vestigio de muralhas: apenas encontrei uns cacos antigos, talvez romanos, de potes e de vasilhas pequenas, pedaços de tijolo, e meio machado de pedra polida, que uma mulher me deu, aparecido lá, e vi seis silos, abertos na rocha viva, já em parte entulhados e destruidos.

Do exame do outeiro passei ao da sacristia da capela, que pode dizer-se forma um museu de Etnografia religiosa, tantos *ex-votos* se lhe acumulam nos cantos, ou lhe vestem as paredes: moletas, figuras de cera, quadros,—que atestam as qualidades milagrentas da Se-

nhora da Vila-Velha. Num dos quadros diz-se, a respeito de um devoto: *permeteu . . dar um retabolo* (1847)¹; noutro: *premeteu . . de lhe dar hum retabalo* (1849). Num de 1896 lê-se: *familha* «família»². Os assuntos são em geral naufrágios, doenças, desordens: *uma facada* (1847), *de hum ar que lhe paçou* (1889). Scena familiar: um grupo de pessoas, de joelhos, reza à Virgem, — cinco do sexo feminino, cujas estaturas vão decrescendo, e três do masculino, na mesma

disposição: ||||| |||. Os catres em que jazem os doentes são de colunas, com a cabeceira pintada de silvas de flores, como d'antes se usava. Um quadro de 1864 é assaz curioso, porque o médico, de chapéu alto e bengala, seguros atrás das costas com a mão direita, desengana com a outra mão estendida, e o polegar no queixo, uma doente, ao mesmo tempo que um filho d'ela chora aos pés da cama, e o marido de joelhos, em súplica desesperada, põe as mãos ante a Virgem, que aparece resplandecente no espaço, sôbre um rôlo de nuvens. Assim se confirma o ditado vulgar: se um doente sara, foi Santo António que lhe deu saúde, e se morre, foi o médico que o matou. O povo não distingue entre ciência e superstição.

Nem só em *ex-votos* se manifesta a devoção dos Fronteirenses à Padroeira de Vila-Velha; vemo-la a par traduzida em trovas que lhe cantam na sua festa do mês de Setembro, esmaltadas de expressões dialectais:

Senhora de Vila-Velha,
Minha mãe, minha madrinha!
Hei-de-lhe varrer a casa
C'um ramo de prata fina.

Senhora de Vila-Velha,
Que la' stá naquel' ôlêro!
Dá saud' ó meu amor,
Qu' é um pobre *mulatêro*³.

Senhora de Vila-Velha,
Que la' stá no *oilêrão*!
Dá saud' ó meu amor,
Qu' el' é um triste *ganhão*⁴.

Em meio da vida rude que vive o nosso povo, valha-lhe ao menos a poesia, para nela desafogar canseiras!

Como com a minha estada em Fronteira coincidiu a semana santa, assisti à procissão do entêrro de Cristo. O mais notável d'ela eram os

¹ Acêrca da palavra *retábulo*, neste sentido, vid. *Religiões da Lusitania*, III, 595, nota 4.

² Cfr. *Revista Lusitana*, IV, 64.

³ O que anda a lavar com uma parelha de mulas.

⁴ O que anda a lavar com bois.

profetas: dois rapagões vestidos de alba, manto azul, com faixa encarnada à cinta, turbante de riscas na cabeça (espécie de coroa fechada: o povo diz *tribante*), e uma pele de chibo diante da bôca, à maneira de açamo, que ao mesmo tempo que lhes servia de barbas, os não deixava rir da scena que desempenhavam; cada um levava uma escada e um martelo, para o descendimento da cruz. Os dois profetas representam Nicodemo e José de Arimateia, discípulos de Cristo. Êste lugar é muito disputado, porque se acredita que os *profetas* casam mais cedo: antigamente quem o queria obter chegava a dar de esmola à igreja uma libra; hoje dá, quando muito, oitenta centavos.—Outra figura digna de nota na procissão era a Verónica, ou, como o povo diz, a *pàdeirinha*, que limpou com o avental o sangue do seu divino Mestre. D'onde em onde, nas ruas e largos em que passava a procissão, subia a um mocho, e cantando com voz como-vida *ó vos homines...*, apresentava ternamente o sudário ao povo, que ajoelhava ou se curvava diante d'êlo. Assim como os *profetas* casam mais cedo, também a *pàdeirinha*. Tanta vontade de casar tem os pobres! Todavia consta-me que a rapariga que fez êste ano de *pàdeirinha* já desempenhara o mesmo papel outros anos, e permanece ainda solteira. Ao passo que a procissão percorria com gravidade a vila, o chão dos templos estava juncado de verduras de alecrim, como enfeite, as quais os crentes costumam depois levar para casa para queimarem em ocasião de trovoadas, como preservativo mágico contra elas.—Como traje solene vi mantilhas em algumas senhoras: a mantilha é uma capa curta, de pano preto, com côca de papelão para cobrir a cabeça, e véu para ocultar os olhos.

Outro costume notável. Na véspera da Páscoa fabricam-se bolos doces que tem fôrma de lagartos e de galinhas: aqueles para serem dados aos rapazes, e estes às meninas. No sábadô de aleluia meninas e rapazes vão de Fronteira à capela de Vila-Velha acompanhar a imagem de Cristo morto, e depois comem lá os bolos. Quando é que as formalidades religiosas não se completam com funções mundanas? Quando é que a bôca reza, que não peça pão? Contudo o que hoje tem aspecto de folgança, tinha a princípio muita seriedade. As ideas nobres degeneram às vezes com o tempo em chocarrices. É assim que estes bolos, de fôrma de lagartos e de galinhas, quási sem significação para o povo, mais que a dos géneros gramaticais, e por ventura a da vaga superstição de que o lagarto é amigo dos homens¹, correspon-

¹ Vid. *Tradições pop. de Portugal*, § 283.

derão talvez a antigos animais sagrados ou cultuais, que do Paganismo passaram para o Cristianismo¹.

Para terminar o que tinha de dizer a respeito de Fronteira, darei especial notícia de um objecto arqueológico que está numa das salas da câmara municipal: é uma pedra de mármore de 0^m,54 × 0^m,40, que tem o escudo das quinas assente noutro em cujas bordas se vêem as extremidades da cruz de Avis que alternam com quatro castelos; na parte superior do primeiro escudo avulta um banco-de-pinchar, emblema próprio dos brasões dos infantes², e por baixo do segundo, em toda a largura da pedra, lê-se: *paine pour ioie*. Vid. fig. 13 (de uma fotografia). Este brasão e legenda são do condestável D. Pedro, mestre de Avis, rei de Aragão, e filho do infante que morreu em Alfarrobeira em 1449, às mãos dos homens de armas de D. Afonso V. Fez parte certamente de algum edificio de Fronteira, vila que pertencia à Ordem de Avis³.

*

11 de Abril de 1914.—Pela manhã fiz ainda algumas aquisições arqueológicas em Fronteira, e pouco depois do meio-dia parti

¹ Um precioso trecho de Heródoto diz-nos que os Egípcios que não tem meios para sacrificar porcas à Lua, lhe oferecem bolos de farinha com a fôrma d'aquelles animais: *Historia*, II, 27. Acêrca do assunto vid. também Adolfo Coelho na *Revista de Etnologia*, p. 18, onde cita exemplos nacionais e estrangeiros. Com relação aos países germânicos publicou Höfler artigo desenvolvido e substancioso na *Zeitschrift des Ver. f. Volksk.*, XIV, 257-278: javalis de massa, da Boémia, pãozinhos de fôrma de galhos de veado, da Suíça, bolos de fôrma animal para evitar malefícios, bolos com as figuras dos três Reis magos, bolos de Munich que representam três santos, bolos com o menino Jesus, etc. (aí se menciona igualmente o texto de Heródoto a que acima aludi); o mesmo A. tem outro trabalho, *Der Wecken*, que só porém conheço de o ver citado na *Revue des langues romanes*, LIII, 223. Cfr. além disso: os meus *Ensaio Etnográficos*, III, 265; *Revista Lusitana*, VI, 240; *Revue des traditions populaires*, índices, s. v. «gâteau»; *Mélusine*, I, 72; *Man*, 1914, p. 121.—No *Portugal Ant. e Mod.*, I, 359, diz Pinho Leal que era costume levarem os Bejenses à imagem de S. Amaro, que se venera na igreja da Senhora da Graça, pernas e braços feitos de massa de trigo com ovos, açúcar e manteiga.—Em Paris faz-se em Abril (como observei em 1901) uma feira chamada *la foire au pain d'épice*, por ocasião da qual se vendem nela, e em várias lojas da cidade, uns bôlos de fôrma de porcos, com nomes feitos de açúcar por cima; comprá-los é bom, porque cada porco constitue um *porte-bonheur*.

² Vid. Villasboas, *Nobiliarchia Portugueza*, Lisboa 1676, cap. xxv e xxvi.

³ Cf. Severim de Faria, *Notícias de Portugal*, disc. II, § 7.—Não acrescento aqui mais nada acêrca de D. Pedro, porque o que poderia dizer já o disse no livro que estou escrevendo sobre a *Numismática em Portugal*, onde me refiro ao Infante. Escuso pois de me repetir.

para Avis, com os Rev.^{dos} Priores do Ervedal e de Benavila. Passámos perto da Torre do Bispo, à qual anda ligada a lenda do cativo de um prelado do Alentejo; depois atravessámos o Lupe, e entrámos na herdade da Defesa dos Barros, onde o Rev.^{do} Prior do Ervedal me queria fazer, como fez, a surpresa de me mostrar uma ara romana funerária¹. Aí nos obsequiaram com vinho fino e bolos pascais os Srs. António Canejo e Eusébio Penalva. A breve trecho tomávamos a estrada de macadame, que segue para o Ervedal: esta corta a ribeira de Sousel e o ribeiro da Caniceira, que recebem o nome de locais importantes que banham,—uma vila e uma herdade. De um lado e do outro a vista perde-se em imensos montadas de azinho, entremeados de «fôlhas» de sementeira. As 6 da tarde estávamos ao pé das verduras do Ervedal, séde do santuário do deus *Fontanus*². No Ervedal despedi-me dos Srs. Priores, e continuei sozinho a jornada. Calam 7 horas do sino de Avis, quando eu chegava aos arredores da vila, e abraçava o meu amigo o Sr. António Pais, em cuja casa eu ia hospedar-me, e que fizera o favor de ali me esperar, para que eu mais cedo gozasse do prazer da sua companhia.

12 a 14 de Abril de 1914.—Êstes três dias passei-os na vila, e apliquei-os a descanso e a buscas etnográfico-arqueológicas.

15 de Abril de 1914.—Visitei com o Sr. António Pais alguns «montes» ou casas de campo nas imediações de Avis, e bem assim a *Lapa de S. Bento*, onde há um altar e pinturas do tempo dos freires, e a *Fonte Férrea da Cerca*, em que o infante D. Pedro deixou outra memória artistica insculpida numa pedra,—o brasão das suas armas com a melancólica legenda ou moto que já conhecemos; tanto a *lapa* ou gruta como a fonte ficam na cerca do convento, sobre o rio.

16 de Abril de 1914.—Explorei algumas antas na herdade de Ruivaz. Foi o Sr. Pais quem m'as indicou, e êle próprio me acompanhou lá. Colhemos artefactos de pedras e louça.

17 de Abril de 1914.—Choveu, e permaneci na vila.

*

18 de Abril de 1914.—Às 4 da tarde disse adeus à vila, que, orfã dos seus freires, lá ficava pousada no alto de uma encosta, não

¹ Já depois de escrito isto, obtive a pedra para o Museu, a qual lhe foi generosamente oferecida pelo Sr. Ricardo O'Neil.

² Vid. *Religiões*, III, 620.

já árida como a deixei no verão de 1912¹, mas vestida de relva até o rio,—encosta onde uma igreja pouco concorrida, três tórres negras, uns panos de muralhas, e um convento desmantelado, que, porém, olhado de longe, parece ainda agora um baluarte, são aproximadamente quantos monumentos restam da poderosa Ordem de Avis.

Subi mais uma vez para o tradicional *carro alentejano*, e eis-me a caminho das Galveias. O carro era puxado por um macho. O arrieiro, ao contrário do que praticam os brutos carroceiros de Lisboa, tratava o animal caridosamente, ora falando-lhe com brandura e acariciando-o no pescoço com a mão, ora obrigando-o a parar, para que tomasse fôlego e resistisse melhor. Estas paragens e complacências tornaram um tanto demorada a viagem; todavia, que majestosa solidão não se ia disfrutando ao longo dos sobrais que percorríamos, e que doçura não nos enviavam as flores roxas dos rosmaninhos, que de espaço a espaço formavam moitas à beira da estrada!

Nas Galveias, onde cheguei ao pôr do sol, não tive demora; apenas pernoitei. Recebeu-me, com a bizzarria do costume, o Sr. Pedro Paulo de Carvalho, cujas amabilíssimas filhas, as Ex.^{mas} Senhoras D. Ofélia e D. Laurinda Ravisco de Carvalho, me deixaram penhorado pela oferta de alguns objectos que trouxe para o Museu: um garfo e colher de prata antigos, um rôlo de madeira, de estender massa de doce, e uma *cartilha* ou recortilha, da mesma substância.

19 de Abril de 1914.—Parti de manhã para Ponte-de-Sor, ou *Ponte-Sor*, como pronuncia o povo. Aí apresentei os meus cumprimentos ao amigo Dr. Matos Silva, que me convidou para voltar aos seus sítios, sempre por intermédio d'ele tam rendosos para o Museu, e passei logo para o combóio.

Àparte alguns panoramas, em que a vista poussa fugidia, conquanto desejosa de se quedar, tais como os prados do Ribatejo, por onde o Campino, destro como um Árabe, vagueia a cavalo em longas correrias, o castelo de Almourol, sonho de poetas architectado num penhasco em meio do rio, e as «hortas» ajardinadas dos Saloios, cheguei prosaicamente a Lisboa às 2 e meia da tarde, sem mais Archeologia nem Etnografia.

J. L. DE V.

¹ Cf. *O Arch. Port.*, xvii, 285.



Fig. 1, p. 387



Fig. 7, p. 389



Fig. 2, p. 388



ZUM

Fig. 3, p. 390

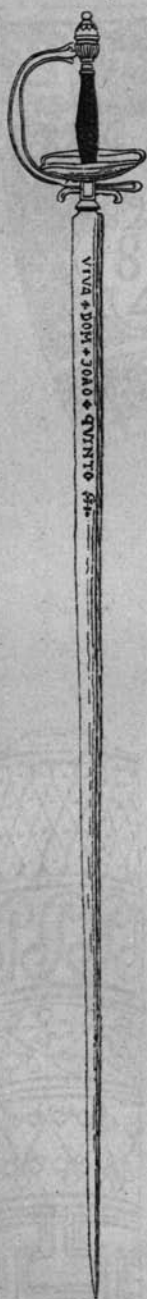


Fig. 5, p. 389

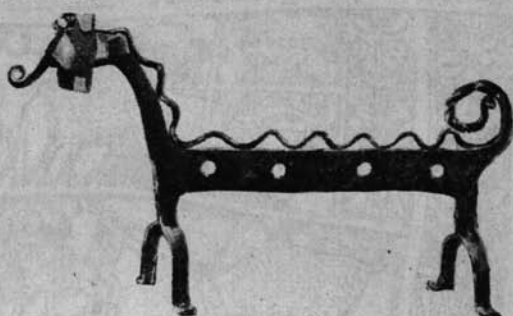


Fig. 6, p. 389

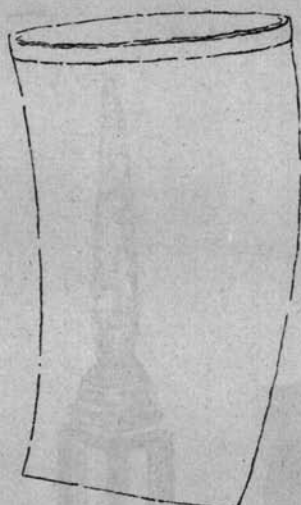


Fig. 8, p. 390

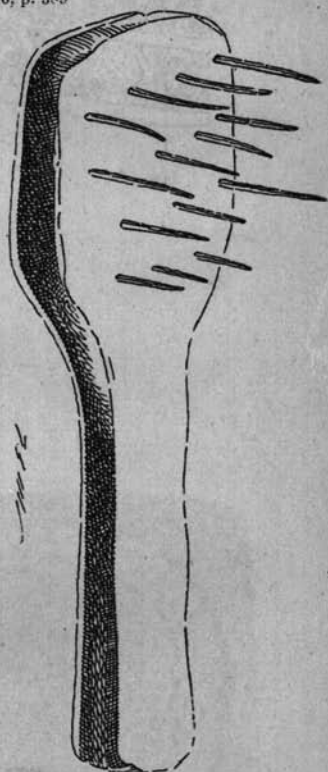


Fig. 4, p. 389

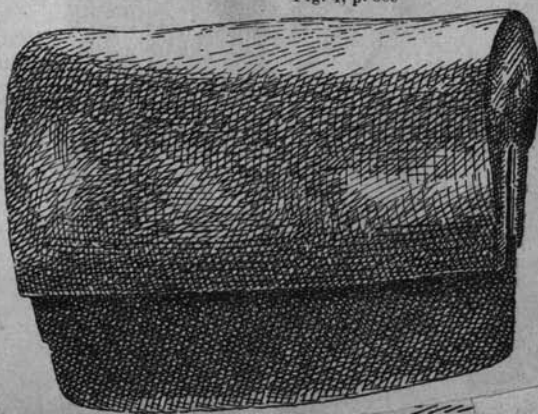




Fig. 8-A, p. 390



Fig. 11, p. 390

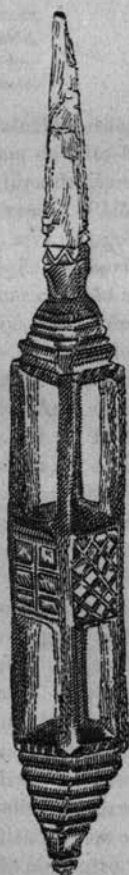


Fig. 12, p. 390



Fig. 13, p. 396